

**Desenvolvimento psíquico inicial visto a partir da evolução como seres sociais.**

**Alisia Maria Gonzalez Reyes.**

**Candidato. Promoção XXXI.**

**Instituto Colombiano de Psicanálise.**

**XIX Congresso da OCAL "Transitando Fronteiras: no**

**clínica, teorias e treinamento ".**

**2020.**

**Evolução como seres sociais e suas implicações no desenvolvimento psíquico precoce.**

Gazzaniga afirma que, no curso de nossa evolução, desenvolvemos a capacidade cerebral de observar o comportamento social em grandes grupos, uma vez que somos seres sociais. Isso nos mostra que indivíduos egoístas podem ter vantagens sobre os altruístas dentro de um grupo, mas grupos altruístas internamente têm vantagens sobre pessoas egoístas; portanto, a seleção natural nos levou a participar de grupos para sobreviver. Postula que a capacidade de prever e manipular o comportamento de outras pessoas ofereceu uma vantagem adaptativa e causou um aumento na complexidade da mente. A diferença entre primatas e não primatas reside na complexidade de suas habilidades sociais. Viver em grupos sociais com vínculos complexos dentro deles é mais complicado do que se adaptar ao mundo físico, uma vez que as demandas cognitivas dessa vida social levaram a pressões seletivas em favor de aumentos no tamanho e nas funções do cérebro (Gazzaniga, 2008).

O cérebro humano é então evoluído o suficiente para termos a característica excepcional de ser seres sociais. Mas, por sua vez, viver na sociedade e precisar de outras

peças é o que nos manteve como espécie, também o que forjou o desenvolvimento do cérebro humano, adaptando funções complexas para lidar com essas demandas sociais. O que é consistente com o que é afirmado nos diferentes modelos de desenvolvimento psíquico precoce, porque se um bebê nasce com um aparelho psíquico que tem capacidade inata de desenvolvimento, é quando entra em contato com o mundo social e recebe estímulos do ambiente que essa capacidade consegue realizar o desenvolvimento psíquico. Caso contrário, o sujeito será mergulhado em um mundo próprio, sem senso de si mesmo, subjetividade e diferenciação, com a tendência a ser talvez mais autista e alcançar um desenvolvimento psíquico precário.

Autores como: Stern, Bowlby, Winnicott e Anzieu apontam de diferentes maneiras e perspectivas a importância da presença de outra pessoa, do ambiente e da interação social, a fim de realizar o desenvolvimento do eu e uma identidade que mais tarde compõe o self ou si mesmo. Assim, alcançar a independência que, por sua vez, implica uma dependência relativa, uma vez que a independência absoluta não existe.

Todos esses autores têm em comum o postulado de que, desde o nascimento, o bebê já existe como indivíduo, D.Stern. , **ressalta que desde esse momento o bebê tem um senso de si mesmo, o senso de si mesmo emergente, que vai surgindo, configurando-se, e adquirindo maiores capacidades, graças à interação com o outro e, portanto, formando um sentido de si mesmo subjetivo;** Desde o início, o bebê sabe que ele é diferente de sua mãe e seu desenvolvimento será influenciado pelo ambiente e, por sua vez, o ambiente será influenciado por ele (Stern, 1991).

Stern, apresenta como hipótese de trabalho a experiência subjetiva que o bebê tem de sua própria vida social. O bebê nasce com um senso de si mesmo, no qual é capaz de experimentar a si mesmo como um corpo unido, distinto e integrado, que é o agente de suas ações, experimentador de sentimentos, que propõe intenções, é o arquiteto de planos e

experimenta a linguagem. O senso de si mesmo serve como a perspectiva subjetiva primária que organiza a experiência social. O si mesmo emergente, que envolve: a percepção amodal, a percepção fisionômica e os efeitos da vitalidade; O sentido nuclear do eu descreve quatro invariantes: a agência de si mesmo, a coerência de si mesmo, a afetividade de si mesmo, a memória ou a história de si mesmo que é a experiência, o "seguir sendo" de Winnicott, é isso que dá coerência ao si mesmo; se não houvesse continuidade na experiência, o senso de si mesmo seria efêmero. É essa memória que fornece a integração entre todas as outras invariantes, porque há memória motora, memória perceptiva e memória afetiva (Stern D, 1991).

Gazzaniga descreve em seu livro que o antropólogo Dunbar estabeleceu uma correlação entre o tamanho do cérebro e o tamanho do grupo social em primatas e macacos. Quanto maior o neocórtex, maior o grupo social. Ele propõe cinco habilidades cognitivas que podem limitar o tamanho do grupo social: 1) A capacidade de interpretar informações visuais para reconhecer outras pessoas; 2) memória para rostos; 3) A capacidade de lembrar quem está relacionado a quem; 4) A capacidade de processar informações emocionais; 5) A capacidade de manipular informações sobre um conjunto de relações (Gazzaniga, 2008).

Quero destacar aqui, a semelhança que encontro entre as propostas de Stern, descritas acima, com essas cinco capacidades cognitivas propostas pelo antropólogo Dunbar: na percepção fisionômica do senso de si mesmo emergente, prevalece o reconhecimento de um rosto, está relacionado a 1) capacidade de interpretar informações visuais para reconhecer outras pessoas e 2) memória para rostos, esses dois autores concordam que somos capazes, desde muito cedo, de fazer uma interpretação visual das rostos para reconhecer os outros e mantê-los em nossa memória, o que também está relacionado à história de si mesmo proposta no si mesmo nuclear, de acordo com 2) memória para rostos e 3) capacidade de lembrar quem é relacionado a quem, uma vez que é através da memória que podemos construir nossa própria

história, reconhecendo também os rostos e personagens que fazem parte dela. Em relação a 4) A capacidade de processar informações emocionais e 5) A capacidade de manipular informações sobre um conjunto de relacionamentos, é consistente com os efeitos de vitalidade do si mesmo emergente criado por Stern.

A habilidade da linguagem é o que nos fornece muito a capacidade de socializar, somos seres sociais graças à comunicação, devido ao desenvolvimento do cérebro, que tem alguma coerência com a descrição de Stern de um si mesmo verbal, como capacidade de intercâmbio com o outro, sendo necessária a interação social para o desenvolvimento da linguagem e vice-versa.

Embora Winnicott ressalte que o bebê requer inicialmente um estágio de fusão e dependência com a mãe para posteriormente se diferenciar, é também essa interação social com outro (mãe) que determina o sucesso da independência e do desenvolvimento psíquico (Winnicott, 1962). Winnicott e Anzieu referem-se à importância da experiência tátil proporcionada por outra pessoa, principalmente a mãe, é essa interação social com ela que reafirma e forja a formação de um eu diferenciado do outro e um self. É através dos limites da pele e da sensação de continência que a mãe suscita no psiquismo, o estabelecimento da diferença de até onde vai o eu e até onde vai o outro.

Winnicott descreve então a necessidade do outro para que o desenvolvimento psíquico inicial da criança possa ocorrer da maneira apropriada, pois, embora a criança traga um núcleo somático psíquico inato destinado ao desenvolvimento, é através da interação social, inicialmente com a mãe, que o psiquismo para decola seu desenvolvimento (Winnicott. DW, 1962). Mais tarde, na interação com os outros, o bebê sente sua própria existência, seu corpo, sua continuidade, elementos que constituem uma identidade, um verdadeiro self, que será realimentado das experiências do eu, propiciadas no intercâmbio com o entorno social.

Bowlby atribuiu grande importância ao desenvolvimento psíquico da criança em relação ao ambiente, mas principalmente ao vínculo que é construído entre a criança e a mãe ou com seus principais cuidadores, o Apego Seguro (Bowlby, 1979). De acordo com o ponto de vista de Bowlby, pode-se ver que é através da interação social, inicialmente com a mãe, que determinará no bebê o desenvolvimento de seu psiquismo, individuação e, posteriormente, seu funcionamento na sociedade. É esse vínculo com a mãe que impactará sua adaptação e habilidades sociais para lidar com um mundo social complexo. Se houver um vínculo de apego seguro com a mãe, a criança pode se desenvolver com confiança, segurança e adaptação no relacionamento com os outros.

Didier Anzieu, descreve o conceito de pele como o eixo organizador da vida psíquica da criança e que continuará no adulto, a construção da psique depende da pele. É a partir dessa experiência tátil fornecida não apenas pelo contato com as carícias da mãe, mas também pela experiência da amamentação, que faz com que a pele possa exercer sua função de interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior. A pele é a barreira que protege da penetração de desejos e agressões provenientes de outros seres e objetos (Anzieu, 1994).

É, portanto, a pele e sua representação psíquica, um meio de relacionamento e interação social, que não apenas reafirma até onde vai o eu e até onde vai o outro, mas até onde podemos interagir e entrar em contato sem perder a diferenciação de seres individuais, mas que podem estar juntos. Com a terceira função da pele, a boca é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros e o estabelecimento de relações significativas. Mais uma vez, a pele é essencial mesmo para a comunicação verbal que complexifica nossas relações sociais. A pele também é uma superfície de inscrição dos traços que eles deixam e um reservatório de nossa memória e história de si mesmos. Esses autores têm em comum a descrição de um eu inicial, onde seu desenvolvimento depende da interação com o meio ambiente, pois somos seres sociais do ponto de vista psicológico e evolutivo, que

exigem interação com os outros para desenvolver, diferenciar, integrar e criar uma identidade, um self ou si mesmo. Um indivíduo sozinho, pois, não alcança desenvolvimento ou sobrevivência, necessitamos de outros para nos mantermos com vida.

### **Conclusão**

É importante enfatizar que o campo intelectual da teoria da evolução, como seres sociais, nos permite explorar de outra perspectiva algumas ideias centrais da psicanálise. A integração desses dois campos de conhecimento fornece fortaleza epistemológica para ambas as disciplinas, enriquece sua compreensão e oferece um campo de pesquisa ainda inexplorado.

### **Referências**

Michael S. Gazzaniga. O que nos torna humanos? 2008.

Stern D. (1991). O mundo interpessoal da criança. Uma perspectiva da psicanálise e da psicologia evolutiva. Segunda parte. Seções 3 e 4. Editorial Paidós.

Stern D. (1991). O mundo interpessoal da criança. Uma perspectiva da psicanálise e da psicologia evolutiva. Segunda parte. Seções 5 e 6. Editorial Paidós.

Winnicott. DW. (1962). O processo de maturação na criança. Barcelona: Laia.

Bowlby, J. (1979). Laços afetivos: formação, desenvolvimento e perda. Madri: Ed Morata. Buenos Aires, Amorrortu, 1988.

Anzieu D. (1994). A pele eu. Primeira parte. Capítulo 3. A noção de pele. Capítulo 5. Psicogênese do eu da pele. Nova biblioteca. Madrid. Segunda edição.